

**Contribuições psicanalíticas acerca do preconceito e suas implicações sociais: um
ensaio teórico**

Ana Luiza Petri Amaral¹

Priscila Oliveira da Costa Vilar²

Ivone Félix de Sousa³

Resumo

O presente estudo tem como objetivo compreender, a partir da teoria psicanalítica freudiana, de que maneira a formação psíquica do sujeito pode estar relacionada à manifestação do preconceito e às suas implicações sociais. Trata-se de um ensaio teórico fundamentado na psicanálise, construído por meio da análise de obras de Sigmund Freud que discutem a constituição do sujeito, a cultura, os processos de identificação, a agressividade e o mal-estar na civilização. O trabalho foi organizado em três eixos argumentativos: o tabu e as restrições impostas ao sujeito, a formação da civilização e a cultura e a formação psíquica. Os resultados indicam que o preconceito pode ser compreendido como expressão de processos inconscientes relacionados à repressão de desejos, à renúncia pulsional exigida pela vida em sociedade e ao deslocamento da agressividade para sujeitos ou grupos percebidos como diferentes. Conclui-se que, para Freud, a civilização é marcada por tensões permanentes entre pulsão e cultura, sendo o preconceito uma manifestação dessas contradições presentes na constituição subjetiva e nos vínculos sociais.

Palavras-chave: preconceito; psicanálise; Freud; cultura; agressividade.

Abstract

This study aims to understand, based on Freudian psychoanalytic theory, how the person's psychic formation may be related to the manifestation of prejudice and its social implications. This is a theoretical essay grounded in psychoanalysis, developed through the analysis of Sigmund Freud's works concerning the constitution of the subject, culture, identification processes, aggressiveness, and civilization's discontents. The study was organized into three argumentative axes: taboo and imposed restrictions, the formation of civilization and culture and psychic formation. The results indicate that prejudice can be understood as an expression of unconscious processes related to the repression of desires, the instinctual renunciations demanded by social life, and the displacement of aggressiveness toward individuals or groups perceived as different. It is concluded that, for Freud, civilization is marked by permanent tensions between instinct and culture, and prejudice emerges as a manifestation of these contradictions present in subjective constitution and social bonds.

Keywords: prejudice; psychoanalysis; Freud; culture; aggressiveness.

¹ Aluna do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás

² Profa. Coorientadora do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás

³ Profa. Orientadora do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Introdução

O preconceito, em todas as suas formas, foi se adaptando conforme o passar dos séculos e a criação de novas realidades sócio-históricas. Desde o período Colonial, com a escravização de povos africanos e indígenas por parte dos europeus, o preconceito manifesta-se como justificativa da supremacia dos homens brancos em relação a qualquer outra raça, também com opressão em relação às crenças culturais e religiosas desses povos (Domingues, 2009).

Durante a história do mundo há inúmeros exemplos que mostram essa tendência dos homens a serem hostis com diferentes grupos, utilizando de distintos preconceitos como explicações para defenderem suas atitudes. No século XX ocorrem a hostilização contra os judeus, resultando em milhares de mortes nos campos de concentração e com a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha Nazista (Barbosa, 2016). Ainda nesse século houve intensa opressão contra a comunidade LGBTQIAPN+, chegando a classificar as pessoas desse grupo como possuintes de um transtorno mental segundo consta no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), até sua terceira versão em 1978, que fazia a associação da homossexualidade como perversão (Dunker, 2010).

Em 2023 foram registradas 45.747 mortes por homicídio no Brasil. Mesmo que esse valor seja o menor em 11 anos ressalta-se que entre 2013 e 2023 foram identificados mais de 51.000 homicídios ocultos no país. Logo, se a taxa de homicídios registrados pelo Estado em 2023 foi de 21,2 homicídios por 100.000 habitantes, a estimativa real considerando os casos encobertos seria de 23 por 100.000 (Cerqueira & Bueno, 2025). Dentro desse número pode-se observar que, ainda em 2023, foram registrados 3.903 casos de feminicídio, sendo 2.662 casos de mulheres negras assassinadas. No mesmo ano, 35.213 pessoas negras foram mortas no Brasil. De 2022 para 2023 foi registrado um aumento de

35% no número de casos contra pessoas homo e bissexuais, enquanto a população travesti e transsexual passou a sofrer 43% a mais de violência. Esse é apenas um pequeno recorte para mostrar a intensidade e recorrência de atos violentos.

O sociólogo Zygmunt Bauman, em seu livro *Medo Líquido* (2008), afirma que a sociedade moderna, devido especialmente a globalização, que modificou as maneiras possíveis de as pessoas se relacionarem, fez com que os laços sociais se tornassem frágeis, e como consequência os seres humanos estão convivendo em uma comunidade em que a violência em todas as suas formas, a segregação e a discriminação são cada vez mais cotidianas, devido ao medo do incerto e do imprevisível (Andrade & Moreira, 2019). Em uma sociedade com a frequente presença da hostilidade uns com os outros é um dos outros vários fatores que trazem à tona o preconceito do ser humano

Freud (1910), ainda quando estava consolidando de fato a psicanálise, já havia descoberto algo que seria um dos pontos centrais de sua teoria: o desenvolvimento do ser humano é marcado por fixações que ocorrem durante fases em sua infância (Oral, Anal, Fálico). Estes remetem à uma fase da infância na qual o sujeito tinha um vasto acesso a realização dos seus impulsos e desejos. Essa descoberta de Freud trouxe um novo olhar sobre a formação psíquica dos seres humanos. Freud percebeu que os sintomas apresentados por seus pacientes não eram por acaso, ainda que estivessem ligados às suas vivências individuais, também se mostravam como uma tentativa de fuga da realidade, ato inconsciente denominado de regressão (Freud, 1910). A regressão ocorre, pois, a pessoa é incapaz de lidar com o desprazer ao não ter um impulso satisfeito e o reprime para evitar a sensação de aborrecimento que o acomete (Freud, 1915).

Com a repressão, há um desgaste de energia para manter o que está reprimido fora do acesso da consciência, e mesmo assim, a repressão nunca será bem-sucedida, o que acarreta complicações psíquicas ao sujeito. Com o fracasso da repressão ocorre o retorno

do reprimido (Freud, 1915). Quando há esse retorno surge, como consequência, o sintoma no ser humano, e esses sintoma fará com que a forma que esse sujeito se relaciona com a realidade e com as outras pessoas seja afetada (Freud, 1915).

O objetivo deste trabalho é levantar informações sobre como a formação psíquica do sujeito pode estar relacionada com a manifestação do preconceito tendo como provocação a pergunta: Com base na psicanálise, como pode ser escutada a questão do preconceito e suas implicações no contexto social?

Percurso Metodológico

Este estudo caracteriza-se como um ensaio teórico que tem como base a psicanálise. O ensaio teórico constitui uma forma de produção acadêmica reflexiva e argumentativa, voltada à problematização conceitual de determinado fenômeno, não se restringindo à enumeração exaustiva de publicações ou à descrição sistemática de achados empíricos. Seu valor reside na capacidade de articular conceitos, tensionar interpretações e construir uma leitura teoricamente fundamentada sobre o objeto investigado (Meneghetti, 2011; Severino, 2016).

A escolha pelo ensaio teórico justifica-se pela natureza do objeto investigado. O preconceito, tomado aqui como formação psíquico-social, não pode ser compreendido apenas por meio da descrição de atitudes conscientes ou comportamentos observáveis, uma vez que envolve dimensões subjetivas, inconscientes, culturais e relacionais. Trata-se de um fenômeno que exige interpretação, articulação conceitual e análise das relações entre sujeito, cultura e alteridade. Assim, o percurso metodológico adotado fundamenta-se na leitura de obras freudianas que permitem discutir a constituição do eu, a relação com o outro, os processos de identificação, a agressividade e o mal-estar produzido pela vida civilizada (Freud, 1914; Freud, 1921; Freud, 1930).

Foram privilegiados textos de Freud nos quais a relação entre sujeito e cultura aparece como eixo de problematização, especialmente *Totem e tabu* (1913), *Introdução ao narcisismo* (1914), *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914–1916), *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), *O eu e o id* (1923), *O futuro de uma ilusão* (1927), *O mal-estar na cultura* (1929) e *O mal-estar na civilização* (1930)

O ensaio foi organizado em quatro eixos argumentativos: primeiro, discute-se o tabu e as restrições impostas; segundo a formação da civilização; terceiro, aborda-se a cultura e a formação do sujeito; por fim, problematiza-se a agressividade e o mal-estar na cultura como elementos que ajudam a compreender a persistência do preconceito nos vínculos sociais.

Resultados e Discussão

O tabu e as restrições impostas

Freud (1913) fez a análise do funcionamento das pessoas pertencentes a tribos indígenas da Austrália. Estas eram descritos como “selvagens”, “atrasadas” e “miseráveis” por viverem de uma maneira completamente distinta da maioria, que ia em direção à modernização e à civilização. Ainda que se distinguissem de forma drástica, foi observado que havia uma espécie de conjunto de regras não formalizadas que ditavam as maneiras de pensar, agir e conviver desses grupos (Freud, 1913). É nesse momento do texto que o autor traz o que é denominado de tabu com base no pai da psicologia experimental: “Wundt afirma que o tabu é o mais antigo código de leis não escritas da humanidade.” (Freud, 1913, p. 13).

Mesmo em povos classificados como primitivos havia, portanto, um direcionamento aceito por eles (os homens primitivos), sem questionamentos. O tabu seria um conjunto de restrições que independem de uma moral ou uma religião, pois surgiu antes

mesmo do ser humano criar ambas, indicando que ele é algo anterior a qualquer existência do ser humano, e por isso o seu surgimento não pode ser definido de forma exata. Ainda com base na obra de Freud, o psicanalista continua discorrendo sobre os achados em suas observações, agora falando do que ele acredita ser o maior motivo para que a aceitação do tabu ocorra de maneira tão geral e inquestionada no grupo:

Trata-se, então, de toda uma série de restrições a que se submetem esses povos. Isso ou aquilo é proibido, não sabemos por quê, e também não lhes ocorre fazer a pergunta; eles apenas as cumprem como algo óbvio, e estão convencidos de que uma transgressão será punida automaticamente de forma severa (Freud, 1913, p. 16)

Com a consolidação do tabu cria-se uma referência imposta para a maneira de se viver, seguida pelas pessoas devido o temor em relação à possibilidade, que para os povos primitivos são tomados como certeza, de uma violenta punição que seria advinda de “poderes demoníacos”, novamente citando Wundt (Freud, 1913, p.18). Mesmo sendo autônomo em relação a qualquer tipo de figura religiosa, o tabu é colocado como uma forma de se proteger da ira desses demônios, e por isso certas questões e atitudes eram estritamente proibidas para as tribos, Freud nos conta que entre todas as tribos percebeu-se restrições comuns em meio à diversidade desses grupos: o tabu do incesto, dos inimigos, dos chefes e o tabu dos mortos. É interessante perceber nos escritos de Freud que as proibições impostas pelo tabu no homem primitivo estão diretamente relacionadas com os afetos ambivalentes do ser humano para com inúmeros aspectos da vida.

No caso do sujeito civilizado há, também, outros tipos de proibições impostas. No período inicial da vida o bebê, se mostra no estágio que Freud (1930) denomina de narcísico, ou seja, ele ainda não possui a capacidade de diferenciar o mundo à sua volta dele mesmo. Por isso não há uma separação do Eu com o mundo à sua volta para um

recém-nascido, ele ainda não é capaz de reconhecer que o objeto de desejo não é uma extensão dele (Freud, 1930). À medida que essa criança vai crescendo, passando por situações causadoras de desprazer é que será possível se diferenciar enquanto sujeito inserido no mundo social e, conseqüentemente, se relacionar com o outro. O bebê que nos primeiros estágios de vida vive à base do que na psicanálise é chamado de *Princípio do Prazer* passa a ser invadido pelo *Princípio da Realidade*, que passará a prevalecer nesse indivíduo e, assim, ele tentará a todo custo reprimir as pulsões que vem do princípio do prazer (Freud, 1930), e isto será o preço a ser pago para se tornar “civilizado”.

A formação da civilização

Com a necessidade de se tornar civilizado, o homem se vê num impasse que se perpetuará até sua vida adulta. Freud falou sobre as inúmeras renúncias feitas pelo sujeito que tornam possível a criação da civilização, uma delas seria à repressão sexual imposta sobre os indivíduos, esta que se inicia ainda na infância com a negação de uma sexualidade infantil (Freud, 1930).

Conforme os escritos de Freud se torna claro que o ser humano em qualquer contexto e qualquer época da história está sujeito a ser obrigado a renunciar da satisfação de desejos e pulsões que possui. Para a criação de uma vida em coletivo o ser humano precisou passar por renúncias e acordos que permitissem o convívio com esse outro. Em seu texto datado de 1921, Freud esclareceu que o sujeito quando passa a ser parte de um grupo adquire mais características coletivas e renuncia a aspectos da sua própria subjetividade. Citando Le Bon (*Psychologie des foules*) Freud fala sobre a mente coletiva que surge juntamente com a criação de um grupo, e que é a apropriação desse pensar feito por todos os membros que faz com que as pessoas percam partes da sua subjetividade que faziam sentido em manter apenas em caso de isolamento social (Freud, 1921).

Freud, enquanto estudava o ser humano, percebeu algo que foi revolucionário para sua época: a psicologia individual não é independente da psicologia do grupo. Isso porque o sujeito está inserido em um grupo e o mesmo deve ser compreendido dentro da sua realidade (Freud, 1921).

É verdade que a psicologia individual se relaciona com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros (Freud, 1921, p. 5).

Contudo, deve-se deixar claro que a formação de grupos não é algo tão simples de ocorrer. Freud (1921) diz que um singelo agrupamento de pessoas não pode ser considerado um grupo. Há o que ele chama de *Identificação*. Esse acontecimento ocorre em inúmeras relações humanas, um ótimo exemplo dado pelo autor é o próprio Complexo de Édipo, quando o menino em um primeiro momento tem o desejo de ser como o pai até que passa a competir com ele ao colocar a mãe como objeto de desejo. Todo esse processo será importante para a formação do Ego, especialmente nesse momento da infância (Freud, 1921).

Logo, é possível compreender que a identificação, como afirma Freud, é a maneira mais original em que um sujeito cria laços emocionais com outro sujeito. Quando um grupo se forma há vários sujeitos distintos, cada um com sua subjetividade, que decidem se unir em prol da identificação que possuem uns com os outros (Freud, 1921), e muitas vezes a identificação com um líder. Segundo Freud:

Não é sem profunda razão que se invoca a semelhança entre a comunidade cristã e uma família, e que os crentes se chamam a si mesmos de irmãos em Cristo, isto é, irmãos através do amor que Cristo tem por eles. Não há dúvida de que o laço que

une cada indivíduo a Cristo é também a causa do laço que os une uns com os outros. A mesma coisa se aplica a um exército. O comandante-chefe é um pai que ama todos os soldados igualmente e, por essa razão, eles são camaradas entre si (Freud, 1921, p. 23).

O sujeito, então participa de grupos pois, apesar da pré-disposição autodestrutiva e da repressão sofrida ao entrar em um coletivo, o ser humano não possui a capacidade de viver em isolamento (Freud, 1927). Grupos são formados, pois, em conjunto o homem tem uma possibilidade maior de satisfazer suas necessidades naturais e de se proteger das forças da natureza, e quando esse feito é realizado, Freud (1927) afirma ser o homem criando a cultura. Quando ocorre a dominação do fogo, a criação de ferramentas e o homem se estabelece em um local fixo com uma estrutura para se morar – ainda na época pré-histórica – são as primeiras evidências expostas por Freud que mostram o ser humano produzindo a cultura, pois essas conquistas colocavam os homens cada vez mais distantes da sua natureza animal (Freud, 1927) e colocando a natureza a seu serviço. Nesse momento há o estabelecimento do trabalho como algo essencial para a existência e desenvolvimento humano, e para a criação e manutenção de relações com o outro, que pode trabalhar junto a mim, para mim, ou contra mim, como afirma Freud:

Depois que o homem primitivo descobriu que estava em suas mãos - literalmente falando - melhorar seu destino na Terra por meio do trabalho, não lhe pôde ser indiferente o fato de que outro trabalhasse com ele ou contra ele. O outro adquiriu para ele o valor de colaborador com quem era útil conviver (Freud, 1927, p. 104). Assim, temos as primeiras relações entre os seres humanos sendo desenvolvidas.

Cultura e a formação do sujeito

Vê se então, ao longo de todo esse processo, a criação das condições para o estabelecimento da convivência humana. Freud (1929, p. 107) diz “O primeiro êxito cultural foi o fato de mesmo um grande número de seres humanos pôde permanecer em comunidade”. Freud (1930) argumenta sobre o que seria a essência da vida, e ele chega à conclusão que o incessante e onipresente embate entre o Eros, que ele classifica como a força da vida, que se mostra pela libido, e pelo instinto de destruição, que está diretamente relacionado à pulsão de morte. O desenvolvimento da cultura seria catalisado por esse conflito permanente entre princípio de prazer e princípio de realidade, pois apenas relações entre os sujeitos formadas pela necessidade e pelo trabalho não seriam o suficiente para constituir uma civilização. Em qualquer relação que o sujeito tenha é necessário que haja ligações libidinais que lutam contra a aparição do instinto de agressividade (Freud, 1930).

O fato de o ser humano ter de renunciar das suas pulsões e desejos para ser capaz de existir uma vida em conjunto é, muitas vezes, considerado algo opressivo. Freud (1927) afirma que apesar dos inegáveis e essenciais avanços realizados pelo sujeito dentro da cultura não houve proporcionalmente um desenvolvimento acerca do que diz respeito às relações humanas, e que por isso, há uma atitude arisca contra essa cultura por grande parte dos sujeitos civilizados (Freud, 1927).

Além de conflitos entre sujeitos de uma mesma cultura, também há conflitos entre os grupos, pois tudo aquilo que se mostra diferente, em um grupo com sujeitos muito semelhantes, se destaca (Freud, 1921). Freud (1927) argumenta que é essa hostilidade diante de um grupo a um outro que mantém a união dos seus sujeitos, pois há uma maneira de permitir que esse instinto de agressividade seja descarregado em alguém que não faz parte do grupo com que me identifico. Segundo Freud (1930, p. 80): “Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se

exteriorize a agressividade”. Esse é um fenômeno que Freud (1930, p.810) viria a chamar de “narcisismo das pequenas diferenças”: “Percebe-se nele uma cômoda e relativamente inócua satisfação da agressividade, através da qual é facilitada a coesão entre os membros da comunidade”. Pode-se entender que esse aspecto da vida humana, no contexto da civilização, está diretamente ligado a atitudes preconceituosas das pessoas. Descarregar o impulso agressivo em alguém que se impõe pela diferença é mais fácil do que ter uma atitude hostil com um outro que faz parte do meu grupo e com quem me identifico.

Freud (1914, p. 8) descreve o termo narcisismo para a psicanálise como: “[...] complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo”. É o narcisismo que faz com que o bebê na fase inicial da vida não se relacione com o mundo exterior (estágio narcísico) e o mantém vivo pelo princípio do prazer, mas quando passa a interagir com o outro e a realidade, ainda possui uma energia narcísica que leva a sua libido (energia de vida) ser direcionada ao exterior e ao próprio sujeito.

Desde a infância o sujeito é obrigado a se relacionar com o mundo exterior, ou seja, depositar parte da sua energia libidinal nesse mundo que habita, e Freud (1930) deixa claro que essa é a condição para viver sob o princípio de realidade e, respectivamente, é uma enorme fonte de desprazer (Freud, 1911). Então diante do que já foi exposto anteriormente, a neurose se caracteriza como um retorno à um estágio infantil em que o sujeito obteve uma quantidade de prazer comparado à outros momentos de sua vida (Freud, 1911).

É durante esse processo de formação psíquica do sujeito em que ele é invadido pelo princípio da realidade e obrigado a renunciar parte de sua energia narcísica e depositá-la no outro (Freud, 1914). Enquanto se torna um sujeito civilizado é criado o que Freud chama de Ideal do Eu, uma ideia da exata maneira que o sujeito deveria ser segundo seus pais e a sociedade que faz parte (Superego). Contudo, esse ideal jamais poderá ser alcançado, pois

não há como fazer com que os desejos deste que vão contra essa idealização imposta pelo Superego deixarem de existir, e para se proteger da culpa causada por não conseguir alcançar o modelo ideal o ego recalca esses desejos (Freud, 1914). Freud (1923) afirma que esse sentimento de culpa se encontra obscuro para os neuróticos.

Pode-se ir mais longe e arriscar a pressuposição de que, normalmente, uma grande parte do sentimento de culpa teria de ser inconsciente, porque a origem da consciência moral está intimamente ligada ao complexo de Édipo, que pertence ao inconsciente. Se alguém quisesse sustentar a tese paradoxal de que o homem normal é não só muito mais imoral do que acredita, mas também muito mais moral do que sabe, a psicanálise, cujas descobertas fundamentam a primeira parte da afirmação, também nada teria a objetar à segunda (Freud, 1923, p. 36)

Nesse contexto, as duas espécies de pulsões que movem o sujeito (ligadas ao Id e ao Superego) também precisam ser administradas pelo Eu, especialmente no contexto do indivíduo civilizado (1923). Freud afirma que a sociabilidade do ser humano surge quando a rivalidade com o outro é substituída pela atitude homossexual com esse inimigo, e para isso o sentimento de hostilidade precisou ser deslocado para um outro objeto.

Freud (1923) afirma que o Ego se junta ao Eros para que o ódio seja substituído pelo amor. Ele escreve: “É necessário haver castigo, ainda que não recaia sobre o culpado” (Freud, 1923, p. 31). Dessa forma, se escolhe um objeto com o qual não se tenha um sentimento de identificação para se realizar a descarga da hostilidade.

Considerações finais

Logo, com base na teoria psicanalítica de Freud, que aborda o sujeito de inúmeras formas e por várias maneiras, pode-se interpretar que o preconceito surge como o resultado de uma série de repressões sofridas pelo sujeito, estas também influenciando no seu

processo de formação psíquica. O ser humano é obrigado a renunciar a desejos, impulsos e vontades para conviver com o outro. Esse outro, que é um desconhecido, não seria digno de ser amado, pois é visto como uma possível ameaça, alguém que não hesitaria em lhe causar mal caso houvesse um ganho próprio (Freud, 1930).

A falta de reconhecimento e a negação de instintos agressivos do ser humano, por parte do sujeito em si e da sociedade em que vive, propicia e catalisa o processo de repressão no homem civilizado. Quando o ódio por um objeto é suprimido pelo sentimento de amor de maneira culposa ele não deixa de existir, ele é transformado e externalizado (Freud, 1923). No contexto da natureza animal o poder se encontra nas mãos do mais forte e os conflitos ocorrem na maioria das vezes por necessidades naturais, já no contexto das civilizações, afirma Freud (1932) ocorrem conflitos, que são resolvidos com a violência (geralmente guerras), devido a divergência de opiniões, e o vencedor é que possui as armas mais letais.

Apesar das suas raízes animais, era de se esperar que o homem civilizado estivesse mais distante de atitudes guiadas pelos impulsos agressivos, ligado ao instinto de morte. Mas, como foi exposto por Freud, a própria cultura foi construída pelo homem primitivo reprimido pelo Tabu, levando o homem civilizado a continuar sem reconhecer conscientemente seus instintos agressivos e os transformando para que possam ser externalizados e “aliviar” de maneira ilusória a angústia que recai sobre o seu estado psíquico.

Foi utilizada da teoria psicanalítica para que se fosse possível obter uma perspectiva sobre uma maneira que faz o preconceito surgir na civilização humana composta, segundo Freud, por uma grade maioria de indivíduos neuróticos. Mas, o conhecimento psicanalítico sobre a formação da sociedade e as relações humanas não é capaz de fornecer uma solução para a questão do preconceito, afinal, para que ele seja superado é responsabilidade do ser

humano individual buscar se autocompreender e elaborar seu conteúdo inconsciente. E, mesmo que todos os seres humanos passassem pelo processo de análise da clínica psicanalítica, não há nenhuma garantia de que o preconceito deixaria de existir, pois não há como deixar de desejar e, conseqüentemente, de haver repressão enquanto vivermos.

Referências

- Andrade, A. A., & Moreira, J. O. (2019). Reconhecimento e ato infracional na adolescência: Reflexões iniciais. *Estudos Avançados*, 383–399.
- Barbosa, C. de A. (2016). O mito judaico na Alemanha nazista e a perseguição aos judeus. *Cadernos do Tempo Presente*.
- Cerqueira, D., & Bueno, S. (Coords.). et al. (2025). *Atlas da violência 2025*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea); Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
- Domingues, P. (2009). O recinto sagrado: Educação e antirracismo no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, 39(138), 963–994.
- Dunker, C. I. L., & Kyrillos Neto, F. (2010). Curar a homossexualidade? A psicopatologia prática do DSM no Brasil. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 10(2), 425–446.
- Freud, S. (2010). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914–1916)* (P. C. de Souza, Trad., 12ª ed.). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914–1916)* (P. C. de Souza, Trad., 12ª ed.). Companhia das Letras.

Freud, S. (2010). *Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930–1936)* (P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras.

Freud, S. (2010). *O eu e o id*. In *Obras completas* (Vol. 18, P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923).

Freud, S. (2010). *Por que a guerra?* In *Obras completas* (Vol. 18, P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923).

Freud, S. (2010). *O mal-estar na cultura* (R. Zwick, Trad.). L&PM. (Obra original publicada em 1930).

Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920–1923)* (P. C. de Souza, Trad., 1ª ed.). Companhia das Letras.

Freud, S. (2019). *O futuro de uma ilusão* (R. Zwick, Trad., 2ª ed.). L&PM. (Obra original publicada em 1927).

Meneghetti, F. K. (2011). O que é um ensaio-teórico? *Revista de Administração Contemporânea*, 15(2), 320–332.

Severino, A. J. (2016). *Metodologia do trabalho científico* (24ª ed.). São Paulo, SP: Cortez.